

LOSURDO, Domenico. Stalin: história crítica de uma lenda negra. Rio de Janeiro: Revan, 2010b.

Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos¹

O Professor Domenico Losurdo, docente de História da Filosofia da Universidade de Urbino (Itália), se notabiliza pela recente publicação de vários títulos relevantes, caracterizados por farta pesquisa documental e histórica, além de importantes análises críticas sobre importantes temas do pensamento político e da história contemporâneas (LOSURDO, 2004, 2006 e 2010).

Um de seus livros recentemente publicados no Brasil contempla uma defesa de Josef Stalin e sua trajetória à frente da União Soviética. Este é o objeto desta resenha, que apresentará alguns dos principais argumentos de Losurdo, dentro dos limites de espaço, além de ponderações críticas.

O primeiro argumento remete à demonização de Stalin e a responsabilização pelos inúmeros crimes e mortes precipitada pelo relatório do Secretário-Geral do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), Nikita Krushev, ao seu XX Congresso em 1956. Para Losurdo, trata-se de uma avaliação equivocada na medida em que forja uma construção histórica centrada em um único indivíduo. Os crimes em questão não seriam suspeitos, dadas as circunstâncias como um todo e o fato do próprio PCUS, teórico beneficiário de purga de tal envergadura, também não ter sido poupado.

Em segundo lugar, Losurdo reputa como caricato o retrato de Stalin apresentado por Trotsky e Krushev, principalmente em função das circunstâncias históricas que deram lugar a três guerras civis, aquela entre

¹ Professor da Universidade Estadual Paulista, campus de Marília.

czaristas e revolucionários, a luta contra os camponeses e a luta dentro do grupo dirigente bolchevique.

O terceiro mote apresenta a justificativa da difícil tarefa de governar com base em premissas concretas e efetivamente revolucionárias por oposição a uma universalidade e utopia abstrata estéreis. Isso justificaria uma “produção mercantil sem capitalistas” e da “vacuidade da expectativa messiânica do desaparecimento do Estado, das nações, da religião, do mercado, do dinheiro” (LOSURDO, 2010b, p. 127-128). Trotsky estaria incluso entre os depositários de tal universalidade e utopia abstrata estéreis.

Outro ponto reporta a inadequação de qualquer traço de uma sociedade totalitária no período em tela, ressaltando as iniciativas e as liberdades de atuação e expressão no seio da sociedade soviética. As acusações referentes aos *gulags* são justificadas por Losurdo com práticas de extermínio e confinamento em magnitude semelhante nas potências liberais e ocidentais em seus próprios territórios e nos de suas colônias em distintos períodos históricos.

No que concerne ao conflito com a Alemanha nazista e o antissemitismo, Losurdo inocenta Stalin de toda inclinação suspeita neste sentido. Ressalta a conveniência em momento específico de uma cortesia tática do governo de Moscou com aquele de Berlim e as diversas ações e depoimentos que refutariam qualquer acusação de cunho antissemita a Stalin.

Compara os métodos e feitos das Revoluções Francesa e de Outubro para justificar a postura do líder georgiano à frente da União Soviética. Conclui seu argumento:

“Infelizmente, analisar a história sagrada do cristianismo é mais fácil do que formular dúvidas sobre a aura do Ocidente e do seu país líder; por causa da distância temporal bem maior e do impacto mais reduzido sobre os interesses e as paixões do presente, é mais fácil compreender as razões daqueles que foram vencidos pelo cristianismo do que buscar esclarecer as razões daqueles cuja derrota abriu o caminho para o triunfo do ‘século estadunidense’. E isto explica o peso que demonização e hagiografia continuam a exercer na leitura do século XX e a persistente fortuna negativa de que goza o culto negativo aos heróis” (LOSURDO, 2010b, p. 333).

Losurdo entende ser impecioso qualquer abordagem no âmbito de um “stalinismo” visto que a trajetória histórica da União Soviética estabeleceu a

diferença entre o legado utópico da obra de Marx e um conturbado período, uma segunda “Guerra de Trinta Anos” desde a Primeira Guerra Mundial. Tal contexto não permitiu realizar uma “democracia soviética” tampouco romper com um estado de exceção.

De modo geral, Losurdo poupa Stalin das acusações como o culto à personalidade, a deportação e assassinato em massa com a velha falácia *ad populum*. Ou seja, na velha Rússia Czarista e do governo provisório, isto foi praticado e o mesmo pode ser dito com relação às democracias ocidentais. Na lógica de Losurdo, está implícita a pergunta: se todos o fizeram, por que acusar Stalin? O socialismo possível teria sido implementado por oposição a uma utopia universal abstrata e messiânica, dada a difícil conjuntura histórica de cerca de trinta anos e o cerco à União Soviética. Isso justificaria o permanente estado de exceção.

Longe de qualquer discussão mais apaixonada, dogmática, mecânica que o tema pode ensejar e focando em argumentos, algumas questões não enfrentadas por Losurdo e por toda a hegemonia stalinista presente no marxismo (que ele ignora existir) devem ser elencadas.

Um “socialismo possível” pode prescindir da discussão do caráter de classe a respeito do avanço da técnica?² Por outras palavras, implementar a industrialização e o desenvolvimento nos moldes da União Soviética do período de Stalin é passível de aprovação porque há supostamente um proletariado que “liga o botão da inicialização da fábrica”? Na mesma linha, é aceitável perpetuar um estado de exceção que se coadune com o caráter burguês da instituição estatal na linha da sua preservação e reforço? Tal caráter foi ponto clara e historicamente argumentado por Marx, Engels e Lenin. Uma nova sociabilidade socialista é compatível com uma prática mercantilista? O socialismo prescinde de uma moral diferenciada e aceita um maquiavelismo vulgar semelhante às práticas da sociabilidade capitalista, sem qualquer tipo de escrúpulo, em nome de uma suposta defesa da “pátria socialista”?

Todas estas questões são de suma importância e não são enfrentadas por Losurdo e sua defesa de Stalin. A resposta inicial a tais perguntas parece óbvia, embora seu alcance e posterior desenvolvimento não sejam exatamente

2 Ver a respeito Dias, 2012.

formulações simples. Parafraseando o falecido professor Edmundo Fernandes Dias, Stalin e a União Soviética foram, ao contrário do que sustenta Losurdo, o “socialismo realmente inexistente”.

Referências bibliográficas

DIAS, Edmundo Fernandes. *Revolução passiva e modo de vida: ensaios sobre as classes subalternas*. São Paulo: José Luís e Rosa Sundermann, 2012

LOSURDO, Domenico. *A linguagem do império: léxico da ideologia estadunidense*. São Paulo: Boitempo, 2010a.

_____. *Democracia ou bonapartismo: triunfo e decadência do sufrágio universal*. São Paulo: UNESP, Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

_____. *Gramsci, do liberalismo ao “comunismo crítico”*. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

_____. *Stalin: história crítica de uma lenda negra*. Rio de Janeiro: Revan, 2010b.